

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO DE CATÓLICOS E REGIONALISTA

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Redacção e Administração: Apartado, 23 — BRAGA

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA — Assinatura Anual: 60\$ — Estrangeiro 100\$ — Ultr., Brasil, Espanha 80\$ ★ ANO XXVI — N.º 511 — Melgaço, 1 de Março de 1973 ★ Tip. Augusto Costa & C., Lda - Total. 22455 - Braga

Coisas de longe e de perto

«A Voz do Minho», semanário regionalista de Barcelos, insere no número de 10 de Fevereiro, corrente, o seguinte trecho, da autoria do Dr. Francisco de Almeida, que respeitavelmente transcrevemos:

«Leio em jornais diários de Lisboa a notícia de que 5 sacerdotes bracarense foram castigados pelo seu prelado e tal notícia não teria obtido o tom sensacional que logrou obter se não fosse este acrescento: que eles não acataram a punição e recorreram para Roma.

Como é evidente, quem prevarica deve ser punido. Não é bem clara a falta ou faltas que tenham cometido e até se o que fizeram é falta. Pontos de vista.

Seja como for, não terão sido ouvidos, o que é absolutamente impensável. Nem Deus puniu Adão ou Caim sem os ter ouvido: — que fizeste?

Deve anotar-se, contudo, que 2 dos castigados são homens de muito valor e prestigiosas figuras do clero de Braga. São irmãos: o Cônego António Luis Vaz e o padre Júlio Vaz. Qualquer deles é bem adulto: mais de 50 anos de idade. E prestaram à diocese de Braga grandes serviços: o 1.º foi director do jornal diocesano «Diário do Minho». O 2.º foi o melhor redactor que esse jornal teve. Ambos foram, durante muitos anos, professores do Seminário ao tempo do falecido D. António de quem foram grandes auxiliares.

Morto este, deixaram — ou foram forçados a deixar — o jornal e seguiu-se uma série de incidentes dos quais o dito castigo é o pior.

Os de Braga, para quem os padres Vaz são muito conhecidos, devem andar — muitos, pelo menos — bastante deso-

rientados com a reviravolta que se deu...

Seja como for, tenham ou não razão, não são pessoas — nem os outros três — para vergar a cerviz sem motivo, ou enquanto não forem convencidos de ter errado. Não valessem, eles, tanto como valem!

Estará porventura o prelado a ser enganado por algum perverso conselheiro? Ou ignorante? Ou prepotente? Ou será que algum dos conselheiros só sabe o Direito Canónico, comentado pelo Dr. Martins Gigante? Será muita coisa, mas não basta.

O prelado tem de ser visto com olhos de fé (para os que a têm)! é o bispo da diocese. O que não quer dizer que seja infalível».

MAIS UMA CARTA

ao Ex.º Sr.

Dr. Abel Augusto Vaz

O Ex.º Sr. Dr. Abel Augusto Vaz, numa extensa e feliz carta publicada no «Notícias de Melgaço» em 25-11-72, jornal de que é Director e coproprietário, pede a reparação da injustiça que cometi na Carta Aberta que lhe mandei a propósito da morte de Herculano Pinheiro, publicada por especial deferência na «A Voz de Melgaço» em 15-11-72.

Suponho que os leitores dos dois jornais já estão ao par da questão mas vou recapitular algumas passagens e decalcar alguns períodos da réplica do Dr. Vaz.

Diz ele, que na questão em que intervim, *perdeu*.

Depois, *por outras vias... ganhou*.

Oferce-se-me perguntar: A minha intervenção não teria tido — pelo menos — o mérito de proclamar a questão?

Procurou mais tarde, segundo afirma, *outras vias que lhe deram a vitória*.

Ora isto leva-nos à conclusão de que, se *perdeu nas primeiras vias*, a Razão e o Direito estavam ao lado do seu antagonista, dando-lhe a Vitória.

E, se nas *segundas vias* a mesma Razão e Direito deram a vitória ao Dr. Vaz, conclui-se logicamente que uma das vias era *tortuosa* e Razão e Direito não são mais do que uma *blague*.

Vê-se claramente que a Moral neste caso, andou em *Bolandas*.

Para diminuir a minha intervenção, diz que me foi buscar no seu automóvel e me levou ao Porto pagando-me a viagem de avião até Lisboa.

Isso é verdade.

Mas então o Dr. Vaz achava que eu, além de largar os afazeres que ainda me restavam na minha casa, antecipando a viagem só para o servir, ainda devia pagar o avião? Não lhe parece que seria demasiado?

Oferce-se também para pagar as deslocações que foi necessário fazerem-se para aproveitar o horário das Repartições, em geral distantes do local em que decorre a vida do interessado. E pede para lhe apresentarem a conta.

Talvez não exagere se disser que considerável número de empregos foram atendidos por meu intermédio e

(Continua na 4.ª página)

Dr. Francisco de Almeida

Por informações que colheci em Barcelos, o Dr. Francisco de Almeida, autor do artigo de fundo deste número é Juiz do Tribunal do Trabalho, em Évora.

Lições da História

A ira é má conselheira!

pelo Dr. Mário Gonçalves Viana

O ser humano é um animal de impulsos. Apesar da educação que recebe, apesar das vivências e mudivências que acumula ao longo da vida, constantemente se deixa arrastar pela cólera, pelo desespero ou pela ira.

Há pessoas que, não obstante os erros cometidos sob a influência de paixões tumultuárias, nem por isso adquirem calma. Resolvem tudo ao sabor dos seus repentinos, actuando como anténicos irracionais.

Ainda hoje abundam os chefes e os dirigentes, «explosivos» e «impulsivos» que agem a rompanites, tomando resoluções inacreditáveis, sob o influxo de paixões momentâneas e desnorteadas. Muitas vezes, dão ordens furibundas, das quais se arrependem cinco minutos depois, não raro já tardiamente.

Por isso, a sua vida é um rosário de arrependimentos e de insucessos.

Diz a sabedoria das nações que a ira é má conselheira. E, na verdade, assim acontece. Por isso mesmo, recomendavam os Antigos que o homem deveria dormir sobre a injúria da véspera, para evitar resoluções insensatas ou precipitadas.

No entanto, o cidadão verdadeiramente consciente de si, tinha estrita obrigação de proceder, sempre, com tranquilidade e moderação.

Quando sentisse que não estava senhor dos seus nervos, quando sentisse que a paixão não o deixava ver claro, deveria evitar decisões tempestuosas ou filhas de impulsos incontrolados.

Os actos irreflectidos ou as liberações explosivas, provocadas pelo despeito, pelo ódio ou pela revindicta, são, quase sempre, impulsos iníquos, injustos, cruéis ou bárbaros.

Há, pois, necessidade de os controlar e fiscalizar: de os vencer!

Isto que os homens da actualidade parece não serem capazes de compreender, já homens de outrora, em plena Idade-Média, o conheciam, procurando emendar-se ou, pelo menos, impedir que terceiros pessoas viessem a ser vítimas dos seus ímpetus primitivos ou loucos.

Luís de Campos

Mestre Luis de Campos e nosso prezado amigo expõe óleos e desenhos na Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, desde 24 do passado mês.

EXCESSO DE ZELO?

A Câmara Municipal de Melgaço, sob a Presidência do Dr. Sidónio de Sousa e tendo como Secretário o Senhor Carvalho Alves, zelando demasiadamente todos os interesses da população do concelho, deliberou autuar-

-me por eu colocar no vidro interior do meu automóvel, a fotografia do grande estadista português, Doutor António de Oliveira Salazar, que eu recordei com tristeza e saudade. Juntamente com a mesma fotografia, tinha e terei sempre um retrato do meu grande amigo, que foi o Reverendo Pároco Carlos António Vaz, bem como o jornal «A Voz de Melgaço» por ele fundada, da qual sou colaborador.

Ignorando por completo que fosse proibido colocar no interior de meu automóvel particular tais fotografias e o jornal, estranhei que a Câmara me não tivesse avisado, que eu cumpriria. Deferência que não seria demasiada, por se tratar de um Melgaçense bairrista como há poucos. Tenho oferecido vários donativos a instituições de caridade do nosso concelho e sempre me tenho interessado pelo progresso e engrandecimento da nossa terra, tanto pela colaboração prestada à imprensa local incluindo o «Notícias de Melgaço» intitulado jornal Audaz para leitores inteligentes, como pelas ofertas que tenho feito, até mesmo quinhentos escudos, para ajudar a construir o Novo campo de futebol.

Por tudo quanto desejo levar ao conhecimento dos leitores e do público em geral, confesso francamente, que esta atitude da Câmara Municipal de Melgaço, foi altamente infeliz, e antipática no mais alto grau. Mas mesmo que tenha que pagar a multa no Tribunal, continuarei sempre de cara descoberta, lutando pelo Progresso, Caridade e Amor à Minha Terra, e não tenho medo dos Audazes, nem dos tais inteligentes.

MANUEL CALDAS

MONUMENTO AO Padre CARLOS

XI

A sobrecarga de original tem impedido a informação dos donativos enviados voluntariamente para a homenagem que os amigos do P.º Carlos lhe querem prestar. Aliás, estas coisas vão com calma e tranquilidade, pois não interessa mostrar aparato ou falsos apoios, mas sim e unicamente, contribuir para que a Obra de Santa Rita, de que ele foi Fundador e animador até agora, continue a levantar-se. Essa é a grande homenagem, a única que ele verdadeiramente aceitará e agradecerá. Pouco pode falar uma estátua ou um busto quando faltam as obras. Mas muito falam as obras, mesmo que não haja busto a homenagear quem as concebeu, animou e em grande parte realizou.

A comissão que hoje se publica não pode pretender ainda ser definitiva pois outros há que querem trabalhar na homenagem. Alguns porém preferem trabalhar ocultamente. Publica-se entretanto esta comissão pois será ela a encarregada de dar à homenagem a orientação que melhor entender.

(Continua na 6.ª página)

Televisão em Castro

A Televisão deu no passado dia 23, uma bela e longa panorâmica de Castro Laboreiro, sob neve.

Bem haja pela oportuna propaganda das belezas da nossa terra.

Bernardo Pintor

Há três meses que não publicamos colaboração de Bernardo Pintor.

O facto deve-se ao extravio de original, do que pedimos desculpa ao autor e aos nossos leitores, que tanto apreciam a colaboração de Bernardo Pintor sobre os temas históricos da nossa terra.

Da Vila e Concelho

Estrada de Fiães

Rectificação do troço de Melgaço (sede) a Cavaleiros, numa extensão de cerca de 1 km (960 m)

Esta obra foi a concurso em 6 de Junho de 1970 e não teve concorrente. Voltou em 9 de Julho, do mesmo ano, a ser posta a concurso e foi, pouco depois, entregue a empreiteiro.

Já se passaram dois anos e meio e três invernos após a sua adjudicação e oxalá que não tenhamos ainda de passar mais outro, o 4.º! Aquele estado lastimoso tem sido um calvário para quem é obrigado a passar ali.

Começaram, há dias, a deitar brita na margem da faixa. Irá agora? Ou será somente para os forasteiros da festa do emigrante, em Fiães, verem?...

Gostaríamos de saber qual o motivo de tal atraso.

Tem pago a Câmara a tempo e horas os trabalhos que vão sendo executados?

Não residirá na possível falta de pagamento o atraso da obra?

E preciso ter bem em conta que nos tempos que correm só vai conseguindo mão de obra aquela que paga com prontidão.

As obras da Câmara Municipal de Melgaço...

A rectificação do troço de Melgaço (sede) a Cavaleiros, numa extensão de menos de um quilómetro, à qual houve quem chamasse em tempos «Avenida da Barbosa», mas que quanto a nós não passará de uma simples rua, tollida ao nascer, pois a parteira que a acabou, coitadinha..., empreitada entregue ao competente construtor em 9/7/70, e vejamos que vão decorridos quase três anos... ainda se não sabe quando ficará concluída. Os anos vão passando e cada vez existem mais buracos, ratoeiras, onde há dias café numa dessas o nosso Presidente e o seu carro. Mesmo assim, a Rua da Barbosa, continua a dar-nos este aspecto desolador e só com uma administração camarária como temos, se pode consentir um tal escândalo.

GRUPO CÉNICO MELGACENSE «OS SIMPLES» — Apresentou-se em Monção, no passado dia 24 de Fevereiro, este agrupamento artístico, no palco do Cine-Teatro João Verde, onde uma vez mais levou à cena a empolgante peça «S. João vem a Melgaço». Mais uma enchente a premiar o trabalho deste Grupo de jovens, cujo nível artístico rivaliza com qualquer um dos melhores agrupamentos do País, na classe de «Iniciados». Estão pois de parabéns os seus dirigentes. Que Deus lhes dê sorte e saúde, para levarem bem longe o nome da sua Terra Natal.

BAPTIZADOS — Em 11-2-1973, na Igreja Matriz da nossa vila, pelo reverendo Padre Justino Domingues, digno Arcipreste, foi baptizado Carlos Alberto Rodrigues de Brito, filho de Custódio Gonçalves de Brito e de Maria Rodrigues de Araújo. Serviram de padrinhos, Mário Rocha Pinto e Celeste Rodrigues de Araújo.

Em 18-2-1973, José Luís Fernandes Carvalho, filho de Manuel Maria de Carvalho e de Maria de Lurdes Fernandes. Padrinhos: Luís Augusto Balaixo Peres e Maria Amélia de Barros.

Necrologia

D. Carlinda Esperança Ferreira Passos
(Mamã Pires)

Na passada quinta-feira 15 do corrente, à noite, correu celere a notícia da morte repentina desta indolita senhora, esposa do senhor Manuel Luís Pires, e mãe dos senhores Dr. Silvío da Boa Nova Pires, Esmeraldina Maria Pires, Carlinda Silvío Pires Domingues, Manuel Luís Pires Júnior, João Maria Pires (ausente) e José Joaquim Pires, e sogra do senhor José Bruno Guimarães Domingues, e das senhoras D. Maria da Conceição Rodrigues Vilariño, D. Maria Isabel Pereira, D. Laura Migueis Pires (ausente) e D. Teresa Martins Pires.

Era avó das senhoras D. Maria Teresa Pires Domingues do Amaral Coutinho, de D. Ana Maria Pires Domingues, de José Manuel Martins Pires, de João Manuel Martins Pires, de Manuel Luís Vilarinho Pires, de José Pedro Vilarinho Pires, de Silvío Maria Pereira Pires, de Maria Manuel Pereira Pires e de Ana Maria Migueis Pires (ausente).

Tinha 71 anos de idade. O seu funeral que teve lugar no sábado seguinte, na Igreja Matriz desta Vila, seguiu para o cemitério da freguesia de Paderne, onde os pais da extinta estão sepultados e aonde ela sempre manifestou desejo de lhe fazer companhia depois da vida, junto a eles em sepultura de família, tendo o préstio funebre dado lugar a uma invulgar manifestação de pesar demonstrativa da estima que lhe era votada, pois nele se incorporaram muitas centenas de pessoas a pé e de auto-carro, precedidas de cerca de uma centena de automóveis para dizerem adeus àquela que no limite das suas posses sem ser rica, socorria os mais necessitados.

A família enlutada os nossos sentidos pesames.

MOVIMENTO HOSPITALAR DE 15 DE JANEIRO A 15 DE FEVEREIRO — Entraram: Homens 5; Mulheres 8.

— **MATERNIDADE** — Entraram 5; nasceram 3 meninas e 2 meninos.

BANCO — Injeções 271; curativos 92; análises 17; Radioscopias 9; Radiografias 6.

De Chaviães

CONTINUAÇÃO DA ESTRADA — CEMITÉRIO - GRANJAS — Depois de uma interrupção nos trabalhos, vai recomençar a abertura da estrada «Cemitério-Granjas», cujo primeiro troço, como já foi dito, tinha sido suspenso no lugar da Quinta.

NÃO HÁ MAL QUE SEMPRE DURE — Os habitantes do lugar do Outeiro, esviveram muitos anos mal de abastecimento de água potável e de lavadouro.

Chegou-lhes porém a altura de estarem de parabéns, porque além de um magnífico fontanário, tem também agora um excelente lavadouro, cuja iniciativa se deve à actividade da nova Junta, de Freguesia, assim como a abertura da nova estrada.

No entanto mais uma vez lembramos, que há ainda outros lugares a necessitarem de igual dotação, ou pelo menos dos fontanários, como seja o lugar da Nogueira e do Casal.

DANOS CAUSADOS PELA PASSAGEM DOS TRACTORES — Vieram estas máquinas revolucionar as vias que outrora apenas serviam para os carros de tracção animal.

Reconhecemos perfeitamente os seus benefícios de trabalho que prestam, quer no transporte de toda a espécie de coisas, quer no amanho dos terrenos nas ocasiões próprias. Todavia temos que condenar e reprimir certos abusos praticados pelos seus condutores, nos trajectos a percorrer e em certos sítios, pelo desrespeito da propriedade alheia, causando danos, sem que para eles isso tenha qualquer valor material.

Por isso, chamamos à atenção dos proprietários de tractores que se dedicam ao transporte de materiais, ou passem por estas vias, para recomendar aqueles que os servem a terem um maior cuidado na condução, sem prejudicarem os seus semelhantes. E quando isso aconteça involuntariamente, devem dar uma satisfação ao prejudicado, conforme manda a boa regra de educação, comprometendo-se a pagar ou arranjar os danos causados, sem que tenhamos de usar de meios legais.

AZES DE VELOCIPEDES — Por vezes passam por aqui indivíduos pouco criteriosos na condução de velocipedes, sem o respectivo silêncio, com tal velocidade que fazem arripiar o mais corajoso e sem preverem o pior.

MIMOSAS EM FLOR — Temos por aqui muitas graças a Deus, mas não fazemos propagação delas aos turistas.

FALECIMENTO — No dia 19 do corrente, faleceu no lugar de Gondufe desta freguesia, a Sr.ª Palmira Augusta Domingues, no estado de solteira, de 72 anos de idade.

O funeral da extinta, realizou-se no dia seguinte para o cemitério local, depois de missa de corpo presente na Igreja Paroquial, com grande acompanhamento.

Que o Senhor a tenha no Eterno descanso. — C.

BANCO FERNANDES MAGALHÃES



PORTO

LISBOA

SÍMBOLO DE SEGURANÇA E DE BONS SERVIÇOS HÁ MAIS DE MEIO SÉCULO

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Conversa passada entre os desditosos «PATIFE» e «PILOTO»

Manhã de domingo prazenteiro
O «Patife» um cão de côr vermelha
Resolveu visitar um companheiro
Que mora na chamada Rua Velha

Pegou na bengala e na cartola
Frizou com arte os pelos do bigode
E ei-lo todo chique e todo artola
A correr para a Vila, quanto pode

Porém no caminho, que alegria...
Encontrou o «Piloto», o companheiro
Que também resolveu nesse dia
Dar dois dedos de cavaco ao seu parceiro

Depois de «olá» como estás tu (cheira-me...)
Tu estás bem, cheira-me o meu «também»
Puseram ali a nu e cru
A vida de cão que agora tem

Diz o «Patife»: eu sou um cão de raça
E na Assadura sou o mais feliz
Não sou «vira lata» como tu, sou de caça
Eu tenho sangue azul, como perdiz

Não vivo acorrentado e nunca usei açaime
Eu nunca fui vadjo como outros cães
E quer-me pôr um laço feito só de arame
Um mortal qualquer, que vive em Fifities

Diz então o «Piloto»: Deixa-me que me ria...
Esse caso a mim, também me aconteceu...
Pois esse mortal, já em certo dia
Com um laço de arame me prendeu

Mas teve pouca sorte, e, se repete
A façanha, eu irei parar ao Congo
Mas primeiro vai corrimo ao «27»
E ali come requeifa de VALONGO

Também não sou vadjo, sou turista
Só vivo em restaurantes e pensões
No Péso fui freguês do Boavista
E já comi no Pedro dos Leitões

Andar à solta, é todo o meu prazer
Acho a prisão cruel e coisa vil
Porque não metem quem me quer prender
A dormir uma noite no canil?

Diz o «PATIFE»: deviam respeitar
A liberdade de cada cidadão
Sim, porque o meu dono, a multa foi pagar
E agora eu já sou um senhor cão

CLOISALL PORTUGAL, L. DA

PORTO — Apart. 317 — Telef. Provisório 98 90 135

Ao Serviço da Construção Civil

- * DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS DE ALUMÍNIO CLOISALL
- * ARMÁRIOS STANDARDIZADOS INCORPORÁVEIS NAS DIVISÓRIAS
- * FORRO DE PAREDE COM PERFIS DE ALUMÍNIO
- * PORTAS DE FOLE ACORDIAL EM NAPA DE VÁRIAS CORES
- * TECTOS-FALSOS SONOR (3 tipos de estruturas — vários tipos de painéis)

Em LISBOA: SONORTE (S.A.R.L.) — APARTADO 2794 — Telef. 970615 e 976203

Instalações fabris no Entroncamento

«MANCOZAN»

Para a sulfatação da vinha: Exija-o ao seu comerciante, para estar certo de uma boa colheita.

O produto, que não tem similares.

Depositário no Concelho de Melgaço

Miguel Henrique Gonçalves Pereira

Rua da Calçada

Telefone 42212

Pela Administração

Do amigo Aurélio Barbosa, a residir em Vilar de Mouros, transcrevemos:

«Remeto, em vale postal, a importância de 120\$00 para pagamento da minha assinatura de 1973-74, inclusive. O jornal agrada-me, sinceramente o digo. É o jornal da nossa terra, do meu saudoso Melgaço, que nunca posso esquecer. Por imperativo do Destino tenho a minha vivenda nos Arcos de Valdevez, mas à entrada de m/casa está escrito: Vivenda Melgaço.»

Pagaram 1972 — P. António Dias, Monção; Manuel Baptista Esteves, Lisboa; António Joaquim Louro, Paderne; P. Lourenço Alves, Carreço; João José Gonçalves Esteves, Vila Nova de Gaia; José Pereira Fernandes, Lisboa; António Luís de Brito, Caparica; António Afonso, Cascais; Adriano Pinto da Silva Faria, Porto; António Oliveira Inácio e Dr. António Felgueiras, Monção; Acácio Caetano Dias, Estoril; António Alves, Valença; António da Silva Lopes, Fimalção; Alberto José Esteves, Lisboa.

Pagaram 1973 — Henrique Adjuto Domingues, Prado; Luís Gonzaga de Araújo, Galvão, mais 40\$00 para Santa Rita; Manuel Ribeiro Coelho, Melgaço; Manuel Fernandes, Alvarado; Prof. João Francisco do Vale, Arcos; Esposa do Presidente da Caixa de Previdência de Viana; Ezequiel do Vale, Melgaço; Manuel Inácio Durães, Viana; José Augusto Aires, Chaviães; Manuel Joaquim Domingues, Braga; Sargento António Matias de Araújo, Joaquim José Guimarães da Costa, Queluz; Carlos Ribeiro Lima, Adalgiza Passos Almeida, Luís Manuel Dias, P. Justino Domingues, Dr. António Durães, António Cândido Rodrigues, Manuel António Ribeiro, Manuel Baião Rodrigues, todos de Melgaço; David Henrique Gomes, Lisboa; Abílio Fernandes, Riba de Moura; Manuel António Rodrigues, António Alberto da Costa, António Ascensão Dantas Costa Afonso — S.P.M., Manuel José Alves, Zenaide de Lurdes Morais, José Justino Gomes de Sousa, Raúl Arménio Gomes de Sousa, Júlio César de Sousa, António Joaquim Esteves, Filhos Lda, e António José de Abreu Gonçalves Pereira, todos de Melgaço; Amélia Marques Barbosa, Angola; Vasco Gama de Almeida, Orlando Domingues, novo assinante, P. Anibal Rodrigues, António Rodrigues Rego, Claudino Augusto Rodrigues, Manuel José Domingues, Manuel Contento de Sousa, Manuel Esteves Lira, José Joaquim Caldas, Dr. Oliveiros Rodrigues, Armando da Mora Solheiro, Hilário Alves Gonçalves, Dr. João de Barros Durães, Maria Cristina Rita Barros de Almeida, Raúl Ferreira Cardoso, Dr. Sérgio da Silva Saavedra, José António, novo assinante, Café Central, Deolinda Augusta Pereira, Anésia Almeida Alves, Maria Teresa Alves Carabel, António de Faro, todos de Melgaço; Manuel Esteves do do Cabo, Parada do Monte; António Rodrigues, Ponte do Lima; Augusto Luís Ribeiro, Prado; Manuel Francisco Rodrigues, Castro Laboreiro; José Manuel Gomes Calheiros, Paços; Manuel Rodrigues, Cousse; José Félix Igrejas Júnior, Henrique Alberto Gomes, Luís Santos do Val, Banco Português do Atlântico, Jaime Afonso, Café Estrela, todos de Melgaço; Paulo Martins, Brasil; Eduardo Álvaro Gomes, novo assinante, Brasil; Bento Gomes, Beatriz de Sousa Cardoso, Álvaro Domingues, João da Costa Lucena, Manuel José Esteves, Adriano António Cardeira, Arlindo Augusto Vilas, Augusto Miguel Domingues, Albertino Domingues, Júlio Domingues Gonçalves, O Nosso Café, todos de Melgaço; José Martins da Costa Lobo Maia, S. Gregório; Mário Secundino Cerdeira, Angola.

Carta Aberta

a Manuel Caldas

Manuel Caldas:

Conhecemo-nos superficialmente, pois parece-me que só uma vez falamos ambos num café da nossa terra. Todavia foi o tempo suficiente para concluir que estava na presença de um bom melgacense, dotado de certos sentimentos de rectidão e justiça, que, nos tempos que decorrem, andam muito arredios, mesmo nos homens da nossa geração.

Isto vem a propósito da sua comunicação feita na «Voz de Melgaço», do dia 1 de Fevereiro, onde o Manuel Caldas, que já foi meu camarada, diz ter regressado novamente à «Voz de Melgaço», ao nosso jornal, recordando a velha parábola do Filho Pródigo.

Não é precisamente de filho pródigo que se trata, pois o Caldas não andou no abandono da Casa do Pai, pedindo a parte que lhe pertencia dos bens (como o Filho Pródigo) nem esteve nas circunstâncias dele, a sofrer as dolorosas consequências do abandono da «Casa Paterna».

O que está em causa, e que pretendo reproduzir nestas pobres linhas, pois também não tenho arcaiboiço para jornalista, nem mesmo para o mais rudimentar jornalista, o que está em causa, dizia, é o testemunho de arrependimento, «por ter saído». Ter a coragem, a audácia de voltar, novamente, mudando dum sector de opinião, para outro, de onde já havia saído.

E assim mesmo. Quando erramos, não quero dizer que o Caldas tivesse errado, nas atitudes que tomou, pois estiveram de acordo com a sua consciência, mas quando porventura erramos e reconhecemos o nosso erro, ainda que nos tenhamos que haver com as críticas daqueles que nos observam, parece estarmos no caminho do Ideal.

É humano errar. É compreensível, naturalmente compreensível, qualquer homem enganar-se, praticar actos que não estão de conformidade com a Lei de Deus, enveredando, quantas vezes, por caminhos errados, julgando estar no melhor caminho, crendo em Deus à nossa maneira, esquecendo-nos que Deus é aquele que é, aquele que se nos apresentou e que se fez Homem e que todos conhecemos. O que é essencial é que, aquele que caiu, procure levantar-se e ver se não volta a cair, aceitar a palavra de quem o ama do fundo do coração, para endireitar os caminhos do Senhor, para ser elemento útil à comunidade de que faz parte.

Acredite Caldas que admirei a sua atitude. Não pode ser considerada atitude de qualquer judeu, nem para uns nem para outros. Mesmo que por infelicidade o fosse, é homem para se levantar e não para se pendurar na figueira como o outro infeliz o fez. Saibamos ser autênticos cristãos e reconhecer os nossos erros passados, mudando para caminhos direitos. Está onde a sua consciência lhe diz que deve estar.

Procure por os seus talentos a render. Não esconde nenhum e, portanto não tenha medo de que Deus lhe venha a tirar os que lhe deu.

Continue na sua caminhada Ideal, para que rendam cada vez mais; continue a ser um bom melgacense, sempre pela sua e nossa terra, em favor da ordem e da justiça, como diz na sua comunicação; na sua simplicidade; como as aves do Céu e os lírios do Campo.

Manuel Inácio Durães

Muitos foram os assinantes que quiseram mostrar a amizade pelo jornal pagando já 1973.

Todos sabem que para os residentes no Concelho de Melgaço é mais prático e mais barato ir pagar directamente ao nosso ilustre e dedicado correspondente na Vila, Sr. Miguel Pereira — na Calçada.

Mas até os nossos correspondentes nas freguesias estão à disposição para facilitar a vida a todos.

E a administração premeia esta correspondência dos amigos assinantes com números extraordinários. Em 1972 foram 4, sendo 3 de 10, e 1 de 14 páginas, respectivamente.

Neste ano procuraremos continuar a servir os leitores e por isso aparecerão alguns números extraordinários de 6 páginas além do habitual de aniversário.

Cada número do jornal, com 4 páginas custa 1420\$00 na tipografia; 100\$00 para o expedidor, 31\$50 de avença e 150\$00 de selos (para o Ultramar e Estrangeiro) isto é, um total de 1701\$00 a que há para adicionar uns 150\$00 mais para despesas de expediente, recibos, fichas, facturas, cartas, etc., num total 1850\$00. Isto multiplicado por 24 vezes ao ano dá 44400\$00.

700 assinantes a pagar 60\$00, 80\$00 e 100\$00 perfazem 45000\$00. Há 160 jornais que são enviados gratuitamente para as madrinhãs e amigos de Santa Rita distribuírem aos devotos. Os restantes são para presentes, ofertas a bibliotecas e instituições públicas, correspondentes, arquivo, etc. Por isso, os 1000 exemplares desaparecem velozmente.

Um jornal com 6 páginas custa mais 800\$00.

A publicidade é que tem ajudado e feito com que não haja déficit no jornal. No ano de 1972 foi deveras abundante, graças a Deus. Isso demonstra o carinho de todos e o apreço em que o jornal é tido.

E se não houvesse caloteiros entre os assinantes, de modo que tudo relesse certo, poderíamos brindar os leitores com mais números extraordinários.

Vamos a isso?

Enhão, assinantes em França, Canadá, Brasil, Províncias e Estrangeiro, mandai pagar já a assinatura de 1973, pois cada jornal custa mais por causa do selo. Sobretudo os de avião, 2\$20.

Eis um pequeno balanço da vida de um jornal que é a voz do povo de Melgaço.

Outra voz esperamos ouvir para podermos cantar mais ritmado e forte: que cada um pague a tempo a respectiva assinatura evitando despesas inúteis e perdas de tempo irreparáveis.

E se cada assinante conseguisse só uma nova assinatura, o jornal poderia publicar-se muitas mais vezes com 6 e até 8 páginas.

Como vê, prezado leitor, o remédio é fácil e está à mão de cada um.

CONTINUAM, COMO SEMPRE, OS PRÊMIOS GRANDES aos Balcões da

CASA DA SORTE

Em 15-2-73

2 Sortes Grandes
21002
4900 CONTOS

Em 22-2-73

2 Segundos Prêmios
33869
490 CONTOS

CASA DA SORTE

Onde há sempre sorte e prémios para todos

A Lotaria da CASA DA SORTE é vendida no Peso-Melgaço, pelo Café-Bar Recreio

Vende-se ou Aluga-se

Prédio novo destinado a Indústria fina, r/chão e 1.º andar.

Área cob. 600 m.² a entrada de Braga.

Todos os requisitos.

Praça do Comércio, 71
Tel. 23051 Braga

Agência de Viagens

“RUMO,”

Passagens Aéreas e Marítimas

Bilhetes de comboio, a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Postos de Câmbios do Banco de Agricultura

TELEF. 42278 — MELGAÇO

Espelhos e Cristais

Vidros para Janelas Automóveis e Estabelecimentos

TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

Sociedade de Cristais, Lda

Rua do Almada, 25 — PORTO — Tel. 25326

Atenção Surdos de MELGAÇO

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e Inteltramente ao vosso dispor na

FARMÁCIA DURÃES - MELGAÇO

no dia 6 de Março, das 15 às 16 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos — Modelos de bolso — Modelos retroauriculares — Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares.

A CASA SONOTONE facultar-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

VISITEM-NOS na FARMÁCIA DURÃES no dia 6, das 15 às 16 horas

CASA SONOTONE PRAÇA DA BATALHA, 92-1.º — PORTO
POÇO DO BORRATÉM, 33/1 — LISBOA

Vinho do Porto **BARROS**

De todos mais saboroso De todos mais preferido

REGIST. BRAND. O. ALMADA. PORTO

Lágrima Christi **BARROS** em França o mais apreciado

MAIS UMA CARTA ao Ex.mo Snr. Dr. Abel Augusto Vaz

(Continuação da 1.ª página)

nunca apresentei contas a ninguém. Nunca fiz qualquer favor a troco de dinheiro.

Tudo o bem que me tem sido possível fazer, foi feito por Bem e nada mais.

Julgando, por deficiência, ignorância e falta de sensibilidade artística, diminui-me aos olhos dos leitores, sublinhei a minha profissão de *fotógrafo*, esta que, digo com desvanecimento e orgulho de português — conquisei elevar ao nível dos maiores fotógrafos do mundo — e põe em dúvida os contactos que ela me proporciona, *dubidando* se tais contactos não terão ficado à distância da objectiva. Sim de facto, os meus contactos sociais, representados e documentados pela oferta e dedicatória de obras d'Arte, de escultura, pintura e literatura, com lizenjeiras dedicatórias dos autores, que religiosamente conservo na minha casa, foram feitos à distância das objectivas manejadas com a minha sensibilidade e trata pessoal.

E a propósito apraz-me, perguntar: Aceso o sr. sabe o que é a distância de uma objectiva? Não, não sabe. E como ensinar os ignorantes, é uma das obras de caridade cristã, vou lha dizer:

A distância de uma objectiva vai do zero ao infinito e pode abranger um ângulo de 360 graus, circunferência da Terra.

Isto porém, são assuntos que a sua ignorância da matéria ou — ia dizer miopia mental, mas retiro a expressão — não atinge.

Aconselho-o pois a que não se meta em assuntos fora da sua especialidade que, segundo dizem, exerce com razoável proficiência.

Na réplica a propósito da recusa em publicar o meu artigo sobre a morte de Herculano Pinheiro e para «sacudir a água do seu capote» diz o Dr. Vaz:

«Notícias de Melgaço» é propriedade de uma sociedade e qualquer sócio de acordo com as normas da vida interna dessa sociedade, pode suspender a publicação de qualquer escrito, até reunião da assembleia geral da mesma sociedade que por *democrática maioria* — (o sublinhado é meu) — determinará se tal «escrito» há-de ou não ser publicado.

Esta *democrática maioria* faz-me sorrir.

Deve parecer-se com o processo da eleição de certas juntas de freguesia, onde, segundo me contam, depois de andarem de porta em porta a intimidar os lavradores, foram rasgados votos de opositores e feitas tropelias inqualificáveis. Isto a Bem da Democracia.

E o Dr. Vaz continua:

«Foi o que sucedeu.

Um sócio — que não o Director — e por razões que só ele conhece — suspendeu a publicação do seu artigo.

Ora *essas razões* foi o Dr. Vaz dar-mas à minha casa a S. Paio. Inibo-me de as relatar aqui.

Elas constituem a afirmação mais odiosa e nojenta que se pode lançar à memória dum morto.

E se o gesto da recusa da publicação do artigo tinha gerado em mim antipatia, não sei exprimir a revolta que sinto, o nojo que me vai na alma com a apreciação de um amigo cuja honestidade nunca foi posta em causa.

Quanto à conversa que tive com o editor a propósito da famigerada recusa, escuso em pronunciar-me.

Continuarei a dedicar-lhe a mesma amizade e simpatia que dedicava a seu pai de quem herdou as virtudes de trabalho, competência e honradez.

Era digno de melhor companhia. Senti como sofriera a dar-me a notícia da recusa.

O Dr. Vaz diz que procurei um pretexto para provocá-lo.

Não está na minha educação nem nos meus sentimentos o hábito de provocar quem quer que seja, mas se alguém me provocar, sinto a natural necessidade de me defender. E justo e humano.

Quem ler com atenção a carta do Dr. Vaz, mesmo que não seja muito letrado, vê quanto ela é verriosa.

Como não tinha por onde mepegar, começou por amesquinhar a minha profissão, apoucar as minhas relações e conhecimentos e por último até o y do meu nome lhe serviu de assunto. Umas noções de etimologia e semântica podiam elucidá-lo. Se o Dr. Vaz tivesse lido com inteligência e calma a minha carta veria que ela não é mais que um desabafo e um grito de protesto contra a ingratidão do Jornal à memória de quem tão devotadamente amou a sua terra natal.

Na minha carta exareci conceitos de psicologia colectiva. Se bem a analisar verá que não existe nela a menor ofensa pessoal.

Ataco sim o Jornal que dirige. Ataco e critico a prosa por vezes mal redigida, a linguagem de voolheiro, sem brilho, sem dignidade. Não sei a que propósito traz à baila os seus pais que em tempos tive ocasião de conhecer por intermédio de uma pessoa hoje integrada na minha família.

Conservo ainda viva na memória a boa impressão que me deixaram, nos poucos momentos de accidental convívio na sua casa de Lobió.

A face do velho Vaz, irradiava, bondade, simpatia e inteligência.

Não quero com isto, ser agradável aos filhos. E uma afirmação sentida e um dever de consciência. O que sinceramente desejo é que procurem honrar tanto quanto possível o seu nome e seguir-lhe o exemplo.

Para os enaltecer era desnecessária a sua *«hiperbólica hespanholada»* de os considerar *«reis e principes que eu conheci»*.

Os provérbios que referi, são contos da sabedoria das nações e casto.

bem a toda a gente nos quais me incluo. O único que o poderia ter chocado, mas sem razão foi o inclusão na «equipe» dos «homens pequenos».

Segundo os meus conhecimentos, este rião devia constituir o seu maior orgulho e título de glória porque «pequena tem sido muita gente boa e de grande fama».

Para seu consolo vou citar-lhe os que de momento me ocorrem!

Frederico II «O Grande», Imperador da Alemanha era pequeno.

O Grande Napoleão que dominou uma grande parte da Terra era igualmente pequeno.

Luís XIV, o Rei Sol era tão pequeno que mandou fazer uns saltos altos que passaram à posteridade e ainda hoje os vemos nos sapatos de certas damas.

Sócrates, o grande e famoso filósofo grego, era pequeno.

Einstein, o inventor da energia atómica era pequeno.

Já vê o Dr. que — como diz o povo — os homens não se medem aos palmos.

Contudo, se formos a analisar a acção destes grandes génios e os resultados das suas descobertas, chegaremos à conclusão de que além dos benefícios que trouxeram à humanidade, muito veneno veio à mistura.

E aqui fica expressa a reparação da injustiça que *infelizmente* diz que contra si eu cometi.

Os leitores do jornal que se detinham um momento a analisar onde estão as ofensas e injustiças, e quem é o ofensor e o ofendido.

M. ALVES SAN-PAYO

N. R. — O amigo San-Payo esteve largo tempo a contas com a gripe inglesa. Todos desejamos que o restabelecimento seja duradouro.

Monumento ao Emigrante em FIÃES Entre o esplendor e a tragédia

Fiães, terra de gente trabalhadora e honesta, com um passado de vida religiosa alta e bem esclarecida, berço do grandes personalidades da vida Melgacense, viveu horas de grande bairrismo no passado dia 18 com a inauguração do monumento que a freguesia quis erguer em homenagem ao emigrante. Do programa oportunamente publicado não pôde cumprir-se a palestra do dia 16 à noite, a cargo do Sr. Dr. Sá do Rio, da Missão da Acção Social, que visava o esclarecimento dos problemas relacionados com a previdência e abono de família dos emigrantes e familiares. O tempo impediu a conferência por os acessos estarem impraticáveis devido à neve e ao gelo.

Domingo, dia 18, foi dia de festa, primeiro, e de tragédia ao final. A Banda de Música dos Arcos de Valdevez abrilhantou os actos comemorativos e prestou gratuitamente o serviço, bem como a camionete do Salvador que transportou os componentes da Banda de Música. Dois gestos que nos apraz sobremaneira registar.

Douve missa de acção de graças e em sufrágio pelos emigrantes já falecidos celebrada pelo sr. Bispo Auxiliar de Braga, que, no momento oportuno, proferiu a homilia apropriada.

Seguiu-se um almoço, com autoridades, entre as quais se destacava o sr. Governador Civil de Viana, sr. Dr. Vasco Faria.

Da parte de tarde houve sessão solene. O sr. Governador Civil inaugurou o monumento, em pedra, ao emigrante, que representa um dos tantos emigrantes que deixaram Portugal, com a mala na mão, a boina na cabeça e na outra mão o passaporte (para os muito poucos que foram legalmente, claro). A estátua tem 1,90 centímetros de altura atingindo porém a altura de 3 m e 50 cm com o suadâneo.

Na sessão inaugural falaram um emigrante do lugar da Jugaria, sr. António Gonçalves, pedindo a melhor atenção para o problema da electrificação de Fiães, o pároco, para se

Por Santa Rita



Um dia memorável

Em 13 de Fevereiro foi dia grande em Santa Rita. Faltava acabar a cobertura da placa que serve de tecto à parte norte do edifício do Lar de Santa Rita. A placa inferior não vedava suficientemente a água e por isso resolveu-se entregar o caso a uma casa especializada do Porto — A Tecnível — que mandou proceder à devida impermeabilização com as telas Morter-Blas.

Três semanas antes já tinham andado 8 homens a deitar a cobertura em cimento sobre a tela, mas o d'a inverno não permitiu realizar sequer metade da obra. E a placa tem 238 m².

Para este dia restavam ainda mais 30 m² da parte referente à varanda da actual sala de jantar dos velhinhos.

congratular com o êxito da iniciativa e agradecer às autoridades presentes o apoio dado, o sr. Presidente da Câmara, tendo diversas considerações adrede, encerrando o sr. Governador Civil com palavras de louvor para a iniciativa levada a cabo.

Seguiu-se um grandioso arraial mi-nhoto no meio da maior animação e espontaneidade da boa gente de Fiães e outra vizinha. Já noite, porém, deu-se a tragédia que poderia tornar-se numa das maiores catástrofes da história do Concelho. Quando cerca de 400 pessoas dançavam animadamente, eram dez e meia da noite, no primeiro andar de uma casa do sr. António Mando, a placa ruiu fragorosamente, tendo diversas dezenas de pessoas caído ao rés-do-chão daí resultando, felizmente, apenas ferimentos de pouca monta em 33 pessoas que foram socorridas solícitamente no Hospital da Misericórdia, e algo mais grave em 2, entre eles um menor natural de Rougas, Manuel António Costa, de 5 anos, com fratura do fémur, e ainda Maria Silvana de Sousa, de 43 anos, natural de Fiães.

Os três médicos do Concelho trabalharam afanosamente até altas horas da madrugada, altura em que tudo ficou mais ou menos normalizado. Os instrumentos da orquestra ficaram muito danificados ascendendo a número elevado de contos o prejuízo material causado pelo ruimento da placa. Mais danificado ainda ficou o proprietário do prédio que tem de mandar construir novamente a placa, e perdeu bastante vinho armazenado, cervejas, etc.

No meio do pânico e com as portas do rés-do-chão trancadas pela queda da placa, houve que arrombá-las e a avalanche de gente mais contribuiu para o agravar de alguns feridos, pois todos iam ficar sepultados para sempre debaixo da gigantesca placa que ruiu a peso enorme do elevado número de ocupantes do primeiro andar.

Os Bombeiros apareceram prontamente e prestaram os devidos socorros. A Guarda Republicana tudo fez para evitar a catástrofe e demonstrou que não é devido a ela que os males sucedem.

A televisão, no dia 19, a quando do noticiário das 21.30 horas, deu uma bela reportagem dos actos inaugurativos do monumento ao emigrante em Fiães. E ficava mesmo a matar aquela paisagem de sonho com a neve a cobrir os telhados das casas circunstantes, raiando o sol no alto dessa serra de tradições tão nobres mas ainda à espera da exploração mais consentânea com as potencialidades da freguesia.

Quando estiver asfaltada a estrada por Rougas e a Castrolim, pelo alto da Serra, Fiães pode ser um dos centros de atracção turística de maior movimento no Alto-Minho. E só uma estalagem condigna poderá garantir, porém, que isto, para já um sonho, seja breve, consoladora realidade. E pela gente de Fiães não será a falta. Interessa, sim, canalizar oportunamente toda a sua generosidade e boa-vontade que o próprio Estado, certamente, não deixará de acarinhar e proteger.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOGADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

nhos. E as vésperas estiveram ruins. De noite choveu e ventou desalmadamente. Mas, ao amanhecer, tudo se compôs razoavelmente e os amigos de Santa Rita convidados a ajudar neste trabalho lá compareceram sorridentes e bem dispostos.

Foram 13 os que compareceram. Com mais 2 da Tecnível que ultimavam a impermeabilização na varanda e rectificavam a postura do plástico e da rede, atingia-se o número de 15, mais o Tristão, o nosso simpático José, e a Alzira, atingia-se o número de 18. O autor destas linhas também lá esteve para orientar e providenciar ao que fizesse falta na parte externa. A sr.a Maria Rodrigues, que ao Lar dedica todas as atenções e lá está a cuidar dos velhinhos, preparava afanosamente a refeição do meio-dia para tão elevado número de pessoas.

O tempo torceu várias vezes o nariz e terminou ao fim da tarde em pequena borrasca, já o mais importante do trabalho estava terminado.

Uma animação foi grande: desde os ditos brincações do amigo Caldas da Ponte, até aos conselhos experientes do sr. António das Adegas, mai-lo improvisos do João Esteves, dos Carvalhos, e a boa disposição-nata do António Alves da Igreja, tudo contribuiu para que o trabalho se tornasse ameno e divertido.

O almoço decorreu no melhor ambiente de camaradagem e foi superiormente servido e bem confeccionado.

Várias considerações teceram os ilustres amigos sobre o futuro da obra, todos concordando na necessidade de uma entrega sem limites. E viam na Confraria de Santa Rita e nos irmãos uma boa garantia para o futuro das obras.

E nas duas vezes foram os seguintes os amigos que nos ajudaram em Santa Rita:

Antero Baptista Esteves e João Esteves, dos Carvalhos; José Caldas, da Freira; Armindo Domingues, da Eira (e aqui cabe salientarmos a colaboração que nos deu sua esposa estando sempre disposta para que o telefone fosse utilizado no necessário, para fornecer material de trabalho, etc.); Manuel José da Costa, da Pombeira — que nestas férias foi largas vezes a Santa Rita ajudar e dar o seu parecer; António Cardoso, do Cerdedo, Ventura Vaz e António Manuel Alves, da Igreja, António Esteves, António Alves, Arménio Domingues, Manuel Dias e Manuel de Almeida, de Cavaleiros, José de Sousa, da Carpinteira; Manuel Bergara, da Doveza, S. Paio; Manuel Caldas, da Ponte — S. Paio; e João da Dionísia, de S. Paio.

A todos os nossos agradecimentos com os votos e a certeza de que Santa Rita não deixará sem recompensa quem desinteressadamente presta auxílio numa obra de largo alcance social e que tem em vista a ajuda aos mais necessitados.

Quando as dedicações não faltam e se transformam até em estímulo para continuar; quando toda esta boa e sã gente sente que é um imperativo continuar a obra e está disposta a tudo fazer por que se realize plenamente quanto antes, pouco importam os braços de uns poucos que, cegos pelo ódio e destruídos pelo fracasso de uma vida inútil e até prejudicial para os outros, querem atomizar algum incauto, pois aos Devotos de Santa Rita e ao povo de Rougas e do Concelho não há quem possa tirar esta vontade férrea de algo realizar, e em Santa Rita, que seja digno de cristãos conscientes e esclarecidos.

89 ANOS — E no dia 11 deste mês de Março que a irmã Isabel completa, querendo Deus, os seus 89 anos. Será em Paris que os festejara e, certamente, se a doença a não impedir, lá estará longas horas na Capela da Medalha Milagrosa, da Rue du Bac, agradecendo ao Senhor a dádiva da vida e da consagração religiosa, e pedindo por todos os que à obra de Santa Rita dão o melhor que podem.

Tem sido uma grande benfeitora da obra de Santa Rita e dos pobreznhos. Está continuamente a enviar vestidos e outros agasalhos para os mais necessitados. Tem sido distribuidor em prioridade aos velhinhos de Santa Rita. Mas também se tem contemplado outros necessitados, por vezes desconhecidos da maior parte.

(Continua na 5.ª página)

STAND MELGACENSE DE AMADEU GOMES

Telef. 42104

- Agente exclusivo em Melgaço e Monção: **das famosas marcas alemãs de frigoríficos BOSCH**
- Agente exclusivo em Melgaço, Monção e Valença: **de Rádios e Televisores BLAUPUNKT**
- Agente exclusivo em Melgaço: **de electrodomésticos GRUNDIG**
- Agente exclusivo em Melgaço: **das Balanças e material A. PESSOA**
- Agente exclusivo em Melgaço: **do GÁS MOBIL, da PHILIPS**
- Agente exclusivo em Melgaço: **e das inultrapassáveis motorizadas FAMEL-ZUNDAP e SACHES**

DE À SUA PREFERÊNCIA AO STAND MELGACENSE

Além das melhores marcas é o único que possui electricista próprio para garantir a devida assistência e para fornecer orçamentos grátis

Se tem qualquer dúvida, consulte-nos
NINGUÉM O FORÇARÁ A COMPRAR

Um Terremoto em S. Paio ou Invasão de Bárbaros?...

O populoso e antigo Lugar de Sante, precisava, pedia, reclamava uma via de comunicação automóvel. Era justo o seu pedido.

Noventa por cento da sua gente vádua vive emigrada, mas nunca o seu amor pelo torrão natal se esmoreceu.

A mais que centenária capelinha da Senhora dos Remédios, situada no alto da povoação, onde todos os anos, na primeira quinzena de Agosto se realiza uma grande romaria, é o seu grande polo de atracção, o chamariz irresistível.

A maior parte dos emigrantes reservam as suas «vacanças» para essa data.

Gente valente e destemida, enfrentando todo e qualquer trabalho por mais árduo e perigoso que se lhe apresente, tem conseguido heróicamente melhorar o seu nível de vida que, antes da emigração, era mais do que miserável.

Aqueles lúgubres túrgios, sucedâneos das primitivas cabanas celtas, de que ainda restam vestígios, foram arrazados e, no seu leito, levantadas lindas e confortáveis moradias.

A estrada de S. Paio a Sante, repito era uma necessidade pedida e desejada, mas a sua realização devia ser cuidadosamente pensada e estudada de maneira a prejudicar o menos possível as propriedades particulares, serventias, acessos, vedações e tudo quanto já existia.

Tal não se fez. Decalcando o caminho público que, na distância de um escasso quilómetro, liga S. Paio a Sante, através do lugar das Baratas e Quingostas — arrazadas e mutiladas como se pode ver nas fotografias que acompanham este comentário — o presidente da Câmara incumbiu o seu agente técnico de elaborar um projecto e respectivo orçamento.

O projecto não foi pago pela Câmara mas sim por um proprietário e comerciante da localidade, que desembolsou a quantia de 15 contos da sua própria algebeira.

O Orçamento total das obras a realizar ascende à importância de 560 925\$800 e foi participado pelo Estado com a importância de 170 000\$800 escudos ou sejam 170 contos.

Não sei se é legal e de boa ética, o pagamento de projectos e orçamentos de obras, que as Câmaras pensam ou se propõem realizar, tenham de ser pagos por particulares, como neste caso e no da construção da estrada do Outeiro a S. Paio, em que o autor destas linhas desembolsou, por trabalho idêntico, a importância de seis mil escudos de que nunca foi reembolsado apesar das promessas em contrário.

Postas as coisas neste ponto, qualquer Câmara isenta e bem intencionada poria a obra a concurso.

Ela seria adjudicada ao empreiteiro que melhor e com melhores condições de preço a executasse.

Porém, tal não se fez. A Câmara arvorou-se a si própria em empreiteira.

E cremos nós — ainda o projecto não tinha sido aprovado nem a comparticipação atribuída e já os automóveis, embora penosa e dificilmente, se arrastavam através de todo o percurso.

Milagre?... Não. A Câmara, por conta própria ou auxílio de terceiros, comprou ou alugou uma escavadora e um camião de carga.

A crédito ou a pronto, a escavadora custou segundo me informaram 800 contos. O camião, não sei, mas também não é apetrecho barato.

Era preciso aplicá-los, dar-lhes comida e a comida, só para a escavadora custa 450 escudos a hora.

Ingenuamente e na ânsia de verem o seu sonho realizado, os habitantes de Sante cotizaram-se e, à custa do seu dinheiro, o monstro conduzido por incompetentes e inexperientes entra em acção.

O documento fotográfico que acompanha este artigo dá uma pálida ideia do realido.

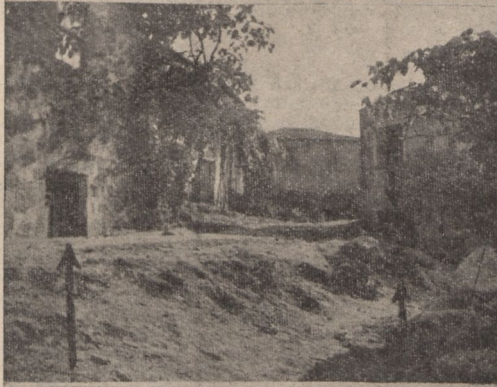
O direito da propriedade postergado.

Muros destruídos. Quintais devassados e arrazados. Vinhas arrancadas. Campos mutilados. Conduzidas da água obstruídas. Entradas das casas soterradas.

Lavradores aterrorizados e escandalizados.

As próprias pedras de muros, vedações e suportes de terras, tudo, tudo ficou sepultado.

Não há exagero nem má vontade de quem isto escreve. O facto está à vista e o actual presidente da Câmara é responsável de todas as devastações, e responsável por todos os danos causados.



É certo que no Caderno de Encargos figura na Rubrica de Expropriações a importância de 141 925\$800

Embora esta importância seja exigua para os prejuízos causados, os lavradores tem o direito de ser indemnizados mesmo que o assunto tenha de ser levado aos tribunais competentes.

Tudo isto porquê? Impreparação? Inexperiência? Política de Fachada? Megalomania?

Responda quem souber. O dinheiro que o Estado dá é dinheiro de todos. E o dinheiro do contribuinte.

Não pode, não deve ser desviado dos fins a que for destinado.

M. ALVES DE SAN-PAYO

Para a História de Melgaço

Mácio...

O saudoso Mário, que deixou nas colunas do nosso jornal belas crónicas e estudos de obras de arte e de genealogia, vai ter uma parte da consagração que lhe é devida. «A Voz de Melgaço» tem a honra de publicar os trabalhos dispersos no nosso jornal em livro, logo que seja possível, a fim de prestarmos a nossa homenagem a tão distinto colaborador e saudoso amigo.



Valdemar Rodrigues Soares (MÁRIO)

Interesses Hospitalares

Na visita ao Distrito de Viana do Castelo, a sr.ª Dr.ª D. Teresa Lobo, Secretária da Saúde e Assistência, ventillou na reunião em Monção, alguns problemas que dizem respeito ao nosso concelho.

Decidiu-se a criação de um centro de bem-estar infantil, que se construa um novo hospital nos terrenos já adquiridos pela provedoria do P.º Carlos e no qual funcione também o Centro de Saúde Mental e que as ajudas monetárias para o Asilo, só sejam dadas após inquérito elucidativo.

Direitos dos Trabalhadores emigrados

Trabalhador que, em França, necessita da totalização dos períodos de seguro cumpridos em Portugal. Doença-Maternidade

Um trabalhador português que, em França, não satisfaça as condições necessárias para ter direito às prestações do seguro de doença ou de maternidade, e que tenha descontado para a previdência social portuguesa, pode totalizar os períodos de desconto cumpridos em Portugal com os descontos cumpridos em França para satisfazer as condições requeridas.

A totalização dos períodos de seguro só se poderá efectuar se, entre a data do último desconto em Portugal e a data do 1.º desconto em França, não tiver decorrido um prazo superior a um mês.

Para obter o certificado dos períodos de seguro cumpridos em Portugal (impresso modelo SE-39-02) o trabalhador deverá dirigir-se à Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes, Rua da Junqueira, 112 — Lisboa - 3, indicando o seguinte: nome completo, filiação, data e local de nascimento, qual a Caixa de Previdência portuguesa onde estava inscrito e o respectivo número de beneficiário.

Poderá, também, dirigir-se directamente à respectiva caixa de previdência.

Sr. INDUSTRIAL:

Deseja que os seus produtos sejam vendidos e conhecidos no mercado? Anuncie desde já em «A VOZ DE MELGAÇO»

Por Santa Rita

(Continuação da 4.a pág.)

Como pequenina retribuição de tanto bem feito haverá nesse dia, Domingo, Missa em Santa Rita em acção de Graças e segundo as intenções desta grande benfeitora de Santa Rita.

MAIS 5 EMBALAGENS DE Roupas — Entretanto Madame Colson, também de Paris, enviou mais roupas, algumas delas muito lindas e preciosas. E esta senhora outra grande benfeitora de Santa Rita e dos pobres da freguesia e do próprio Concelho que sempre nos incita com muito carinho e estima.

E por hoje basta. Muito há a contar, mas fica para a próxima, querendo Deus.

DONATIVOS (de 1972 e ainda não publicados):

José de Sousa Monteiro—Peso 500\$00
D. Maria Vaz Pinheiro—Prado 100\$00
Anónimo 50 N. F. 260\$00
José Domingues Coussou, 50\$00

De Castro Laboreiro

Mais uma vez nos vimos isolados pela neve. Graças a Deus que a Junta Autónoma das Estradas pôs duas máquinas e um camião para limpar a Estrada e uma brigada de cantoneiros e cabo, até trabalharam no domingo. Na segunda às 2 horas da tarde chegaram a esta Vila e todo o povo se alegrou por tantos dias que estavam isolados e não se via um carro na estrada. Logo que as máquinas deram a primeira limpeza só se viam carros a visitar as flores deste tempo. Temos que agradecer ao cabo e aos cantoneiros o zelo com que trabalhavam para poder ser abastecida de pão esta freguesia que esteve isolada desde o dia 14 ao dia 19.

FALECIMENTOS — Faleceu a Senhora Diolinda Domingues, viúva de 93 anos de idade do Lugar das Cainheiras, o funeral teve lugar no dia seguinte para o cemitério local, depois de cumpridas as cerimónias re-

ligiosas. Para toda a Família em luto as nossas sentidas condolências.

— No lugar do Barreiro faleceu a senhora Senhorinha Domingues, viúva, já bastante avançada em idade. No dia seguinte teve lugar o seu funeral. Custou muito a transportar o cadáver devido a tanta neve que tinha caído, tanta era a neve que o seu genro que faz serviço na Guarda Florestal e a sua família quando lhe foi comunicado tentaram vir mas só lhe foi possível chegar a Cubalhão. Tiveram que dar volta e vir no dia seguinte. Para toda a família em luto as nossas sentidas condolências.

— Também faleceu o menino de 14 anos Américo Fernandes, do Lugar do Barreiro.

— No dia 23 quando se deslocava para Melgaço no seu carro a senhora D. Hortelinda, proprietária e dona da Estalagem de Castro Laboreiro, na descida da Costa de Portelinha devido à estrada despiçou-se pela ribanceira. Graças a Deus que não houve ferimentos graves.

A. A.

Bento Gomes
EMPREITEIRO
Melgaço — Tel. 42113

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR
★
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

LOJA DOS PEREIRAS
TEL. 42311 MELGAÇO
TORREFAÇÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ
A CASA DO BOM CAFÉ
MERCEARIA FINA
FAZENDAS
CORRESPONDENTE BANCÁRIO

Antigualhas Melgacenses

XXVII

CRISTÓVAL

(Continuação)

Continuamos a falar de Cristóval. Não estranhe o leitor. Extraviou-se a primeira via deste artigo e por isso aconteceu a demora.

Em 1195 Soeiro Afonso vendeu a D. Pedro abade de Fiães e seu convento a sua herdade que recebiu de seu pai. Entrega-a com todos os seus termos e lugares por onde melhor se possa encontrar, sita no lugar chamado Cristóval sob o monte da Aveleira, correndo o rio Doma para o Minho. Recebeu de preço um cavalo avaliado em onze morabítilos e cem soldos e uma capa «*texelaria*» e pela róbora um carneiro (?).

Não fui capaz de apurar, à face dos dicionários de que disponho e de outros livros, o que fôsse uma capa *texelaria*.

Outro documento de 1202 nos fala de Cristóval. Onega Rodrigues, Mór Rodrigues e Maria Rodrigues, que devem ser irmãs a julgar pelo apelido comum, juntamente com filhos e filhas, a D. João abade de Fiães e seu convento, fizeram carta de venda da sua herdade própria que receberam de seus pais e avós, pelo preço que receberam, a saber: Onega Rodrigues 60 soldos e de róbora 2 soldos; Mór Rodrigues 60 soldos e 2 de róbora; Maria Rodrigues 40 soldos e 2 de róbora. A referida herdade situa-se na vila da Cristóval, por baixo do monte de Aveleira, ao correr do rio Doma. Vendem-a com seus termos e lugares antigos, montes e fontes (?).

Agora um documento de 1210, muito importante para a história de Cristóval, pois nos fala do Paço, que era onde morava o senhor da vila. João Raimundo e sua mãe doaram a Fiães uma herdade situada em Doma, chamada do Palácio, nome que geralmente deriva para Paço. Alguém poderá informar se ainda existe em Doma ou proximidades alguma casa ou propriedade com o nome de Paço ou Palácio?

A doação foi feita em sufrágio de suas almas, de seus antepassados e de todos os fieis defuntos em louvor de Santa Maria de Fiães, e para construir a igreja por mão do Abade, seu convento é cabido. De interesse esta cláusula: quando as obras forem acabadas destinai-a a outra utilidade do mosteiro e dai dela anualmente, pela Páscoa da Ressurreição, uma pitaça (ou seja foliar) a todo o convento (?).

Aqui tem os investigadores referência à construção da igreja de Fiães, de que restam a capela-mór e as das naves laterais com abóbada de cantaria a fugir para o estilo gótico. O resto da igreja é reconstrução posterior.

Imediatamente antes desta escritura foi arquivada outra de 1217, em que Munho Fernandez juntamente com suas irmãs Maria Urraca e Guncina, vendeu a Fiães a herdade chamada Doma que lhes veio de seus avós, com saídas e entradas, montes, águas, pedras móveis e imóveis, culto e inculco, etc.. O preço foi de 50 soldos, já pago e de róbora um bode muito bom (?).

Há outro documento deste mesmo ano que tem por objecto parte da herdade documento acabado de referenciar.

O abade D. Diogo com o seu convento e cabido de Fiães fez uma troca com Urraca e clérigos de S. Pedro de Crecente (Galiza). Fiães deu a sexta parte de um casal que tinha por compra feita a Munho Fernandes e suas irmãs, casal esse em Doma, sem as árvores e seus quinhões em Pico, e recebeu a porção que os outros tinham em Pico a partir com Agro-Longo, Agro de Galinhas e via pública (?).

Ambas as escrituras foram feitas em março, nenhuma dizendo o dia.

Agro quer dizer campo. É bem conhecido o local de Pico. Haverá por lá Agro ou campo de Galinhas, ou Longo?

Vejam os ainda outro documento interessante do ano 1223. Nuno Fernandes e sua irmã Urraca, doaram a Santa Maria de Fiães, abade D. Gonçalo e seu convento, metade de um casal na vila chamada Doma, quanto tinham na igreja de Cristóval, na igreja de Padrenda, em S. João de Crespos e S. Miguel de Britamil e quanto tinham ou deviam ter em todos os termos das vilas das mesmas igrejas. Urraca Fernandes recebeu 7 soldos pela róbora do documento. Deram mais seus quinhões nas pesqueiras do rio Minho. No fim menciona-se o rei de Leão e não o de Portugal naturalmente por serem em Galiza as três igrejas mencionadas a par com a de Cristóval (?).

O Nuno Fernandes e sua irmã Urraca poderão ser dois dos outorgantes do primeiro documento de 1217 atrás citado, em que tenha havido leitura defeituosa. Não estou sobre escrituras originais mas sobre os treslados arquivados no cartulário. Nesse tempo abundavam as abreviaturas e as letras iniciais nem sempre se apresentavam de forma bem definida.

P.º M. A. BERNARDO PINTOR

(Continua)

(1) Cartul.º de Fiães fls. 3 vo.
 (2) Ibidem fls. 21.
 (3) Ibidem fls. 21 vo.
 (4) Ibidem fls. 21.
 (5) Ibidem fls. 96.
 (6) Ibidem fls. 22.

Ainda à volta do «ESCLARECIMENTO»

O Presidente deve restituir cerca de 5.000\$00

Já é do conhecimento público que o dr. Sidónio S. S. S. S., Presidente da Câmara de Melgaço, obrigou dez rapazes a entregar a importância de 600\$ cada um, dívida, segundo os dizeres duma Notificação que li, por prejuizos causados ao município em candeieiros e placas de sinalização.

A importância foi fixada pelo Presidente, e exigida sob a ameaça da participação da ocorrência ao poder judicial.

Dois ou três rapazes ainda lhe fizeram sentir que o dano causado era muito inferior à soma exigida de 6 000\$00, e solicitaram uma redução, alegando também outras razões de carácter particular.

Não foram atendidos.

Os rapazes pagaram. O Presidente e o Chefe da Secretaria receberam a maior parte da importância referida de que não passaram recibo, e retiveram-na, ilegalmente, cerca de seis meses!!!

Pessoa séria, insuspeita, avaliou o prejuizo causado pelos rapazes em cerca de 1 000\$.

Aceito este depoimento, porque o sr. Presidente não publicou qualquer inquérito referente ao caso, para as minhas apreciações.

Também cheguei a essa conclusão.

Explico: Nenhuma placa foi destruída, nem sequer danificada.

A afirmação que se lê num laço do «*Esclarecimento*» do Presidente de que os rapazes destruíram placas de sinalização, não é exacta.

Os rapazes partiram ou danificaram oito suportes.

O concerto de cada custaria 50\$00, o máximo, dado que um suporte novo de 2^m,50 de altura custava em 1971 cerca de 100\$00.

Também não foi partido nenhum candeieiro; foram partidos os vidros de um candeieiro.

O custo destes vidros não foi além de 150\$00.

Ora, somando esta quantia com o custo do concerto dos ditos suportes — 400\$00 — temos 550\$00.

Deixo para a mão de obra 450\$00.

O dano foi, portanto, de cerca de 1 000\$00.

O Presidente diz que os 6 000\$00 eram devidos por prejuizos causados à Câmara. Ora, como os prejuizos foram, pela nossa estimativa, cerca de 1 000\$00, cerca de 5 000\$00 não eram devidos.

O que se recebe sem ser devido, deve restituir-se.

Restituirá o Presidente cerca de 5 000\$00 que nos parece ter cobrado ilegalmente, indevidamente, injustamente?

Veremos! Que é obrigado, é!

Os rapazes causaram à Câmara um prejuizo avaliado em cerca de 1 000\$00. O Presidente causou aos rapazes, aos pais, um dano de cerca de 5 000\$00.

Os rapazes têm desconto: são rapazes. O Presidente, não: é homem maduro.

Censuro os rapazes; procederam mal. Censuro muito o Presidente, não só porque causou um dano cerca de cinco vezes maior, mas também porque é autoridade administra-

tiva, director dum colégio, mestre, bacharel, ex-seminarista, e já passou, há muito, a idade daqueles.

Os rapazes deram o bom exemplo da reparação do prejuizo. Louvo-os.

Dará o Presidente o bom exemplo da reparação do dano causado aos rapazes, ou aos pais, restituindo-lhes cerca de 5 000\$00?

Se o der, também o louvo.

A. RODRIGUES

HOMENAGEM AO

P.º CARLOS

(Continuação da 1.ª página)

A Comissão é assim constituída:

- P.º António Esteves, pároco de Rouças
- António Fernandes, Braga
- António Abel Doureiro, Braga
- António Augusto de Melo, Braga
- Arménio Augusto de Melo, Braga
- Augusto de Jesus Pires, Braga
- Dr. António Cândido Esteves, Melgaço
- Prof. Nuno Cândido Domingues, Alvaredo
- Manuel Ribeiro Coelho, Chaviães
- Sargento António Matias de Araújo, Ponte da Barca
- Artur Anselmo Dantas, Rouças
- Armando da Ressurreição Rodrigues, Rouças
- Prof. Manuel Luís de Pinho Gonçalves, Paderne
- António Rodrigues, Coriscadas - Castro Loboreiro
- Firmino Augusto Gonçalves, Paços
- Américo José Meleiro, Cavaleiro Alvo - S. Paio
- António Bravo, Adedela - Fiães
- Domingos José Domingues, Candosa - Fiães
- Manuel Marques, Cristóval
- João Hilário Gonçalves, Vila
- Prof. Manuel José Rodrigues, Vila
- Professora D. Palmira Domingues, Rio de Janeiro
- Dr.ª D. Maria Odete Domingues, Rio de Janeiro
- D. Estefânia Gomes Viana, S. Paulo
- Joaquim José Domingues, Niterói
- Irmã Isabel da Silva, Paris
- Madame Colson, Paris
- Manuel Lira Ferreira, Lisboa
- Manuel Calheiros Fernandes, Porto
- José Augusto Cardoso, Paços
- António Esteves, Cavaleiros - Rouças
- Gervásio Rodrigues, Rouças
- Manuel José da Costa, Rouças
- Martins de Barros, Rouças
- António Fernandes, Sobral - Rouças
- Manuel Cardoso, Aldeia - Rouças
- João Baptista Esteves, Carvalho - Rouças
- Antero Esteves, Carvalho - Rouças
- António Manuel Alves, Igreja - Rouças
- Rosa Fernandes, Lisboa
- Henrique de Castro, França

Está quase assente que a homenagem só tenha lugar quando a estrada de Rouças estiver devidamente asfaltada (e não fora a incúria dos responsáveis e em fins de 73 já deveriam estar asfaltados 4 km, pois foi prometido o asfaltamento de 1 por ano e os Governantes nunca faltam às promessas feitas) e a freguesia electrificada. Só nessa altura se poderá prestar homenagem a quem tanto lutou por estes melhoramentos que tão indispensáveis são para o progresso da Obra de Santa Rita.

Proceder-se-á com muita calma, pois, repetimos, a melhor homenagem é dar todos os passos possíveis para que a obra esteja quanto antes apta para nela instalar os serviços sociais concebidos oportunamente pelo Fundador e que a Confraria ratificará do melhor modo, oportunamente.

Mais donativos:

Manuel Fernandes — Caminha	500\$00
José Sousa Monteiro — Peso	500\$00
P.º António Domingues — Parada do Monte	500\$00
Manuel Henrique — Soutomundo	320\$00
José António Vaz — S. Gregório	1.500\$00
Alvaro Sampaio de Portugal Fernandes Dias — Braga	50\$00
	<hr/>
	3.370\$00
Soma anterior	34.223\$60
Soma actual	37.593\$60



CAVES DA

Montanha

A HENRIQUES LOA

Expumantes Naturais,
 Brandies, Vinhos de Mesa
 e Licores

ANADIA Telef. 52260

FILIAL: Largo da Estação, 141 - Rio Tinto